

MOTIVAÇÃO DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO AO CURSAR DOMÍNIO ADICIONAL EM EMPREENDEDORISMO

Aluna: Lidiane Duarte Silva de Oliveira
Orientadora: Sandra Regina da Rocha Pinto

INTRODUÇÃO

O ser humano é incentivado a estudar e tirar notas altas para que, na vida adulta, tenha uma profissão, trabalhe numa grande empresa e ganhe muito dinheiro. Desde criança, é condicionado a seguir carreira numa empresa já existente a partir da simples e, inicialmente, indefesa pergunta: “O que você quer ser quando crescer?”. Conseqüentemente, passa por um ciclo social que envolve o desenvolvimento de habilidades acadêmicas e profissionais, conquista de um emprego e, posteriormente, aposentadoria. A principal motivação em relação ao “fazer carreira” numa empresa – de preferência, multinacional – está ligada a percepção de segurança e estabilidade devido ao tamanho e desempenho da maturidade da grande corporação [1; 2].

Contudo, há diversas variáveis que podem alterar esta trajetória, tanto fatores extrínsecos como demissões em massa, por exemplo, como fatores intrínsecos como o desejo de criar algo novo de forma independente [1; 2]. Sendo assim, as pessoas podem ser forçadas a mudar seu projeto de vida ou criar novos objetivos de modo pró-ativo.

Surge, então, a “era do empreendedorismo” como conseqüência do fim do emprego como principal relação de trabalho para uma época onde prevalece a carreira por si próprio onde cada um é responsável pelo seu destino profissional. Desta forma, quebra-se o paradigma de segurança no emprego, não havendo mais a relação de dependência entre empregado e empregador [2].

Embora a palavra empreendedorismo seja associada, principalmente, a abertura de um novo negócio, possui um conceito abrangente que inclui também os profissionais que almejam trabalhar numa empresa. Ou seja, ter espírito empreendedor independe da atuação do sujeito como proprietário de seu próprio negócio ou colaborador, pois é algo inerente a atividade exercida [2].

A escolha pela carreira de Administração deve-se, geralmente, ao desejo de se tornar empresário ou trabalhar numa grande empresa ocupando um cargo gerencial. O curso possui foco em gerenciar recursos já existentes em grandes empresas atuantes no mercado [3]. É importante ressaltar que a relação empresa-empresário difere-se da relação empreendedor-empresário, pois o empreendedor possui uma atitude inovadora, onde cria uma nova situação para seu empreendimento ou o seu trabalho, enquanto o empresário é aquele que está ocupado com os aspectos operacionais da administração da sua empresa [5]. Sendo assim, pode-se dizer que o administrador é preparado para ser empresário ao invés de empreendedor. Verifica-se, então, a importância do ensino em empreendedorismo o administrador se destacar no seu campo de atuação.

O processo de iniciar um novo negócio proposto por Hirish (2004) *apud* Carmo e Nassif (2005), a partir da atuação do empreendedor como dono do seu próprio negócio é descrito a seguir: 1) Identificação e avaliação de oportunidades; 2) Desenvolvimento do plano de negócios; 3) Determinação dos recursos necessários; 4) Administração da empresa. O ato de administrar, propriamente dito, aparece na última etapa. Embora os conhecimentos para avançar cada etapa não sejam aplicados de forma isolada, pode-se afirmar que o curso de administração oferece uma “vantagem” nesta última fase, mas, e quanto às três primeiras?

Em contrapartida, as grandes empresas precisam obter uma vantagem competitiva que lhes garanta ficar a frente de seus concorrentes e oferecer valor aos seus clientes. Para tanto, é necessário que sejam organizações inovadoras, ou seja, empreendedoras. Sendo assim, as organizações estão cientes de que o ativo mais valioso que precisam é o capital intelectual, pois é este que determinará seu sucesso. Sabe-se que as pessoas deverão desenvolver as melhores práticas que representarão o diferencial competitivo das organizações [5]. Diante desse contexto, a atuação do indivíduo como empreendedor corporativo, principalmente para os que têm uma visão tradicional quanto ao “fazer carreira” numa grande empresa, ainda pode ser considerada como promissora.

Face ao exposto, o objetivo da pesquisa é estudar o fenômeno empreendedorismo junto aos estudantes visando responder a seguinte questão: Qual o objetivo profissional dos graduandos em administração em cursar o domínio adicional em empreendedorismo? Propôs-se a análise do discurso de quatro estudantes universitários da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro que procuram desenvolver habilidades empreendedoras.

O embasamento teórico contém as formas existentes de empreendedorismo, a concepção de carreira profissional e a relação entre motivação e atitude empreendedora, assim como as informações referentes ao projeto pedagógico do ensino em empreendedorismo em questão.

Estudar a motivação é uma tentativa de explicar o comportamento através da análise das atitudes e interesses que determinam a atividade. Contudo, visto que há características que se desenvolvam na prática, nenhuma pesquisa é capaz de afirmar que um indivíduo será um empreendedor até que o seja [4; 6].

BASE TEÓRICA

CARREIRA PROFISSIONAL

O ser humano passa por um ciclo social onde desenvolve habilidades acadêmicas e profissionais, arruma um emprego e se aposenta. Desde criança, é incentivado a estudar, tirar notas altas para que, na vida adulta, tenha uma profissão, trabalhe numa grande empresa e ganhe muito dinheiro.

Para fazer parte deste fascinante e promissor mundo corporativo, é preciso ser bem mais que um simples empregado que apenas faz o que lhe é mandado com a simples motivação de receber o seu salário no fim do mês. O paradigma de segurança no emprego reconhece que a empresa deve fornecer remuneração salarial, treinamento, entre outros benefícios, enquanto o funcionário mantém uma postura totalmente passiva. Sendo assim, antigamente, a palavra carreira era empregada como uma promessa que garantia a estabilidade no emprego, onde as pessoas buscavam uma ascensão profissional ao longo da vida que incluía desde o estágio durante a graduação até o cargo de diretor ou até mesmo sócio de uma empresa. Entretanto, com as mudanças ocorridas ao longo das últimas décadas, principalmente devido à crise econômica que o mundo vem enfrentando, este paradigma de segurança que o emprego oferecia não tem sido abordado da mesma maneira [2].

Por um lado, os profissionais se sentem fragilizados por não haver garantia de estabilidade no emprego, tendo que enfrentar o desafio de se manter empregáveis; em contrapartida, as empresas também enfrentam desafios, como o de atrair, desenvolver e reter competências, pois os verdadeiros talentos possuem o controle sobre suas escolhas e carreiras e não estão, necessariamente, comprometidos com uma dada organização [2].

Para que o profissional se torne um talento e seja disputado no mercado de trabalho, é preciso que ele assuma a responsabilidade de administrar a si mesmo [2; 6], visto que isto deixou de ser papel da empresa há muito tempo – talvez nunca tenha exercido, verdadeiramente. Sendo assim, o profissional deve ter habilidade de planejar sua carreira com base em uma visão de futuro compatível com seu projeto de vida. Caso este objetivo não seja

alcançado, o indivíduo deve ter a iniciativa de mudar de emprego e/ou até mesmo redefinir sua carreira, isto é, criar um novo projeto de vida [6].

Dessa forma, o indivíduo deve conhecer a si mesmo para descobrir o que realmente gosta de fazer e quais são suas reais habilidades. Sendo assim, conhecer o mercado também é uma estratégia para saber onde exatamente o profissional deve aplicar aquilo que gosta e sabe fazer bem. A partir dessas constatações, nota-se que a carreira deve estar voltada para a satisfação pessoal a fim de gerar um equilíbrio entre vida profissional e vida pessoal [6].

Considerando o mundo do trabalho altamente mutável, cada um é responsável pela gestão de seu destino profissional, o que inclui manter seu capital intelectual competitivo no mercado de trabalho ou encontrar novas alternativas de trabalho. Surge, então, o empreendedorismo como uma maneira de manter o indivíduo no mundo de trabalho, eliminando a dependência que o empregado mantinha com a empresa [2; 6].

EMPREENDEDORISMO E EMPREENDEDOR

A inexistência de um consenso a respeito do conceito de empreendedorismo faz com que cada campo de estudo defina este fenômeno de acordo com o seu respectivo ponto de vista – comportamental, econômico, social, psicológico e até mesmo cultural [7]. Conseqüentemente, há diversas concepções sobre o indivíduo empreendedor que atribuem sua atuação não apenas a negócios e geração de capital, mas também a atitudes que trazem algum bem para a sociedade, garantindo-lhe destaque individual e coletivo [8].

Desta forma, a presente pesquisa parte do enfoque de que o fenômeno empreendedorismo representa quebra de paradigmas, ruptura de laços de dependências, pré-disposição de melhorar a realidade ou de criar novas situações, onde o indivíduo assume a responsabilidade pelo controle da maior parte das situações que enfrenta e sente-se dono de seu próprio destino [9]. Empreender é um processo que abrange comportamento e atitude das pessoas e das organizações [10]. É importante salientar que a concepção adotada de empreendedorismo é bastante similar ao de carreira profissional.

A partir da abrangência da atuação do empreendedor e considerando que estes sejam as principais alternativas para aqueles que desejam aprender adquirir capacidade empreendedora, o presente estudo pretende abordar os seguintes tipos de empreendedorismo.

Intra-Empreendedorismo

O intra-empendedor, também chamado de empreendedor corporativo ou interno, é o talento das grandes empresas responsável por acelerar as inovações. As organizações consideram o intra-empendedorismo como uma estratégia competitiva. Desta forma, com o objetivo de atrair, motivar e reter o comportamento empreendedor, as empresas passaram a atender necessidades mais específicas de seus funcionários – além das recompensas tradicionais de salário e bônus –, fazendo com que eles tenham a oportunidade de realizar suas idéias sem precisar sair da empresa [11].

Quando o intra-empendedor pede demissão, não significa que esteja insatisfeito com seu salário e benefícios, mas talvez porque se sinta frustrado em suas tentativas de inovar, não pela falta de boas idéias, mas pelas dificuldades de implementá-las. Sendo assim, o intra-empendedor possui grandes chances de sair da empresa para se tornar empreendedor, em muitos casos, tornando-se concorrentes. Percebe-se que os intra-empendedores precisam de delegação de poder para agir, ou seja, de autonomia para que possam descobrir as melhores soluções para os negócios [11].

Considerando que um dos objetivos da pesquisa seja descobrir por que alguns universitários pretendem ser intra-empendedores ao invés de serem empreendedores, Pinchot (1985) apresenta alguns motivos. Dentre os quais, pode-se citar que os recursos do ambiente corporativo podem ser atraentes para o intra-empendedor, principalmente se o capital de sua idéia for mais fácil de vir de dentro da corporação do que de fora. O indivíduo

deseja fazer coisas novas, mas quer permanecer com a segurança que a grande empresa oferece por considerar que isto é mais importante do que o desejo de grandes riquezas.

Empreendedorismo Tradicional

Uma das grandes vantagens do empreendedor é ser proprietário do seu próprio empreendimento, pois em um negócio independente pode-se ganhar muito mais em riqueza e prestígio que os intra-empresendedores. Poucas empresas oferecem, ao intra-empresendedor, recompensas que permitam uma liberdade ou um estilo de vida remotamente comparável àqueles de um empreendedor bem-sucedido [11].

Um dos mitos que permeia o empreendedor é que o seu principal desejo de abrir seu próprio negócio está relacionado a ser independente, não ter chefe e não precisar dar satisfação de suas ações a ninguém. Porém, deve-se considerar que os stakeholders também fazem parte do negócio do empreendedor – principalmente, credores, funcionários e clientes – havendo, então, um grau de responsabilidade para com eles. O empreendedor é importante no desenvolvimento econômico e social sustentável, pois gera emprego, gera renda e distribui essa renda, atuando como colaborador para a melhoria das condições de vida da sua localidade [8].

O dinheiro não atua como a força principal que motiva o empreendedor de sucesso, mas como mediação de seu sucesso. O que o impulsiona é uma necessidade pessoal de realização, geralmente associada a uma visão bastante específica daquilo que se deseja realizar. Inúmeras pesquisas concluíram que o empreendedor tem uma necessidade de fazer coisas que não haviam sido feitas anteriormente [11].

Pinchot (1985) considera que o intra-empresendedorismo, muitas vezes, atua como uma forma de preparar o indivíduo para a abertura de seu próprio negócio, pois como intra-empresendedor, aprende-se a visualizar as etapas desde a idéia até a realização do empreendimento e se ganha experiência para ser mais facilmente bem-sucedido como empreendedor.

Empreendedorismo Familiar

A principal característica da empresa familiar está na sucessão do poder decisório de forma hereditária como parte do seu ciclo de vida, isto é, permitindo a continuidade do empreendimento [12; 13; 14]. Entretanto, o preparo de sucessores é um dos principais problemas no processo sucessório, podendo trazer graves conseqüências na sobrevivência das empresas, sendo considerado o principal motivo de falhas dos empreendimentos familiares. Para evitar que isto aconteça, diversos autores afirmam que deve haver o preparo do sucessor para que a empresa sobreviva na próxima geração e que o bom relacionamento do fundador com seus herdeiros é essencial neste processo [12].

Dentre as principais etapas na preparação do sucessor, o mais importante é que haja predisposição do herdeiro em administrar a empresa [12; 14]. Deve-se salientar que os filhos do fundador não desempenham papéis iguais aos do pai, simplesmente porque não tiveram a liberdade de se escolherem e devido ao negócio não representar uma escolha livre, mas uma fatalidade [15].

ATITUDE E COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR

De acordo com Rodrigues et al (2000), atitude é um conjunto de cognições constituída de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido que predispõe a uma ação coerente com as cognições relativas a este objeto psicológico. Sendo assim, atitude empresenedora pode ser definida como a predisposição aprendida a atuar, ou não, de forma empresenedora [16].

Os elementos integrantes da atitude são: a) componente cognitivo – crenças, conhecimento, maneira de encarar o objeto; b) afetivo – aprovação; sentimento pró ou

contra; c) comportamental – combinação de cognição e afeto como instigadora de comportamentos, dadas determinadas situações [17].

Ser empreendedor é um estado de espírito que pode ser desenvolvido em qualquer ponto da vida, de acordo com o desejo e a oportunidade. O espírito empreendedor não é um traço de personalidade, mas um comportamento. Sendo assim, a atitude empreendedora não pode ser vista como algo nato do ser humano, mas como algo que pode ser desenvolvido no decorrer de seu processo de vida [17]. Como afirma McClelland (1965) *apud* Pinchot (1985), quando a pessoa quiser mudar, sempre poderá mudar.

A motivação pode ser definida como o motivo – desejo, carência, necessidade, ambição, medo, entre outros – que direciona o comportamento de uma pessoa. O ambiente exerce controle sobre o comportamento, contudo, o ser humano tem capacidade de reagir às forças manipuladoras do ambiente a partir do conhecimento desses processos. Embora a motivação possa ser influenciada pelo ambiente externo, o impulso – propriamente dito – que leva o indivíduo à ação, é interno. Apesar de a palavra impulso pareça estar relacionada a instinto, na verdade, refere-se à vontade consciente de alcançar algo [18].

Mas, como saber qual é o motivo e como mensurá-lo? De acordo com Murray (1986), é necessário medir certas condições externas que se julga produzirem um impulso e também medir certos aspectos do comportamento da pessoa, que refletem seus motivos. Em geral, os principais meios de suscitar um impulso são privação, estimulação e instruções verbais. Entretanto, estas condições geradoras de impulsos produzem, freqüentemente, um impulso, mas nem sempre.

Para afirmar que uma geração de impulso realmente o produziu, é necessário que haja algum efeito sobre o comportamento. Um dos principais efeitos da motivação sobre o comportamento é a influência na escolha de objetivos ou metas. As recompensas também dependem da motivação [18].

Considerando que a motivação seja um dos mais significativos pré-requisitos para a aprendizagem, o indivíduo tem a capacidade de aprender a empreender desde que esteja motivado por uma visão e, conseqüentemente, busque o aprendizado contínuo [2; 3].

Ao considerar que é possível adquirir competências empreendedoras por meio de uma educação adequada, torna-se necessário entender os três níveis propostos por Dolabela (1999) *apud* Gouveia e Grisci (2006) em que o ser humano desenvolve o processo de aprendizagem: a) Primário: relacionado a familiares e pessoas próximas; b) Secundário: refere-se à rede de relacionamento; c) Terciário: referências encontradas em revistas, livros, cursos, viagens e demais eventos ligados à área de interesse.

Sendo assim, pode-se dizer que o empreendedor passa pelo primeiro nível de formação através do contato com família, colegas e professores ainda enquanto criança. No segundo nível, ele diversifica sua rede de relacionamentos e operacionaliza características intrínsecas. No terceiro nível, o empreendedor sai em busca de base teórica para o seu aprendizado. Há a possibilidade de que o indivíduo inicie seu caminho em direção ao empreendedorismo em qualquer um dos três níveis, embora não tenha sido influenciado anteriormente [2].

Conforme Pinchot (1985),

“Muitos indivíduos... tornam-se empreendedores mesmo que não tenham as características ou os motivos supostamente necessários... Pessoas que não tenham demonstrado qualquer tendência anterior para se tornarem empreendedores freqüentemente o fazem como resultado de suas experiências e situações da vida. Nenhum teste irá assegurá-lo de que um indivíduo será um empreendedor, antes que ele o seja”. (Shapero, 1978, p.34-35, *apud* Pinchot, 1985, p.29)

CENÁRIO DO EMPREENDEDORISMO NO BRASIL

De acordo com a pesquisa realizada pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM), estima-se que em 2007, 15 milhões de brasileiros estavam envolvidos em atividades empreendedoras fazendo com que o país suba do décimo para nono lugar no ranking mundial de 37 países, com uma taxa de empreendedorismo inicial – fase de implantação do negócio ou em funcionamento por até 42 meses –, da ordem de 12,72%.

O empreendedorismo por necessidade vem diminuindo desde 2003, alcançando 43% da população de empreendedores iniciais. Os homens são a maioria no universo de empreendedores, mas a participação feminina é expressiva: 42% do total, superior a média mundial de 39,9%. A faixa etária que concentra maior número de empreendedores é situada entre 25 e 34 anos (27%) e a escolaridade predominante entre 5 e 11 anos de estudo. A educação formal dos empreendedores é baixa, visto que apenas 13% possuem o ensino superior e 30% sequer concluíram o ensino fundamental [19].

De acordo com diversos estudos, as maiores dificuldades no desenvolvimento de novos empreendimentos não estão na motivação dos potenciais empreendedores, mas nas condições institucionais e macro-econômicas do Brasil. Segundo o relatório “Doing Business 2009”, o Brasil é um lugar ruim para os negócios. Em uma lista com 181 países, o Brasil é o 125º em burocracia de negócios sendo necessários 18 documentos para que uma empresa tenha o registro de propriedade, 152 dias para abrir e quatro meses para fechar um negócio [20].

O índice de mortalidade das pequenas empresas brasileiras sempre foi considerado elevado, principalmente porque estas empresas enfrentam muitas dificuldades, fazendo com que apenas 40% desses empreendimentos consigam se estabelecer no mercado após quatro anos de vida, conforme estudos realizados pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

Apesar de diversos pontos negativos, o Brasil também apresenta alguns fatores favoráveis ao empreendedorismo, como a disseminação da cultura empreendedora, infraestrutura disponível, alta capacidade de identificar oportunidades, diversidade étnica e cultural, receptividade à inovação, criatividade, capacidade de adaptação a ambientes hostis, acumulando uma história de convivência com o risco e a incerteza, entre outros fatores [19]. A partir deste conjunto de informações pode-se vislumbrar o Brasil como um país de empreendedores, apesar das limitações e obstáculos mencionados.

ENSINO EM EMPREENDEDORISMO

A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com o objetivo de estimular uma formação interdisciplinar, permite que os alunos de qualquer graduação curse um determinado grupo de disciplinas optativas de outra área, adicionando conhecimentos de um segundo domínio em sua formação acadêmica. Os domínios adicionais contemplam diversas áreas e permitem que o aluno tenha uma visão mais ampla, personalizando sua graduação de acordo com seus interesses pessoais. As disciplinas estão alocadas em diferentes departamentos da universidade e podem ser cursadas pelos alunos como eletivas, isto é, não obrigatórias [21].

O domínio adicional em empreendedorismo compreende um conjunto de disciplinas e vivências que abordam os aspectos comportamentais do empreendedor e aspectos técnicos do empreendimento, seja visando o planejamento de empreendimentos próprios, a inserção em negócios de terceiros ou a atividade autônoma. Baseia-se em uma pedagogia que fornece elementos para que qualquer aluno, independente de sua formação profissional, possa desenvolver um repertório de atitudes empreendedoras para a construção da carreira e a inserção profissional [22].

O objetivo das disciplinas é abordar aos aspectos comportamentais do empreendedor, aos tipos de empreendedorismo existentes e instrumentalizar os alunos em relação ao

planejamento de negócios em áreas específicas e com técnicas e ferramentas que apóiam a implementação de negócios de forma geral [22].

Para obter o domínio adicional em empreendedorismo, é preciso cursar cinco disciplinas dentre um grupo de 20 disciplinas disponíveis. Sendo assim, o aluno forma-se na habilitação escolhida em sua graduação e obtém sua formação em empreendedorismo certificada no próprio diploma da seguinte forma: “Formado em Administração de Empresas com Domínio Adicional em Empreendedorismo”, por exemplo.

O domínio adicional em empreendedorismo diferencia-se dos outros domínios adicionais pelo fato de a maioria das disciplinas oferecidas serem formatadas especialmente para o curso. Estas disciplinas são planejadas, administradas e avaliadas pela Coordenação de Ensino em Empreendedorismo (CEMP) que tem como objetivo disseminar o Programa junto aos alunos da PUC-Rio e a comunidade atendida pela universidade [22].

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com o objetivo da pesquisa, toma-se como objeto de estudo a análise do discurso de estudantes de graduação em administração que cursam ensino em empreendedorismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. De acordo com a tipologia proposta por Vergara (2004), a pesquisa é categorizada quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, trata-se de uma pesquisa descritiva e explicativa, pois se objetiva expor características de determinado fenômeno e, concomitantemente, justificar-lhe os motivos. Quanto aos meios, é um estudo de caso, pois é circunscrito a poucos objetos a fim de produzir um profundo e detalhado conhecimento. Optou-se pela abordagem qualitativa dos dados, por meio de entrevistas em profundidade. As entrevistas foram gravadas e tiveram uma duração média de 25 minutos sendo integralmente transcritas.

A seleção dos sujeitos obedeceu ao seguinte critério: estudante de Administração cursando, pelo menos, uma disciplina de Empreendedorismo durante o primeiro semestre de 2009 e interessado em cursar as demais disciplinas necessárias para obter o domínio adicional em Empreendedorismo. Com o apoio da coordenação de ensino em empreendedorismo (CEMP), a autora teve acesso a lista com os nomes dos alunos que estavam cursando tais disciplinas. Em seguida, foram selecionados, por conveniência e acessibilidade, quatro estudantes que cursavam disciplinas da grade curricular de Administração com a pesquisadora deste estudo.

Desta forma, buscou-se identificar, primariamente, quais são os fatores motivacionais que os estudantes de Administração que cursam o Domínio Adicional em Empreendedorismo possuem para desenvolver a capacidade empreendedora. Secundariamente, procurou-se entender de que forma as variáveis, tanto intrínsecas quanto extrínsecas, influenciam a atitude empreendedora destes estudantes e como eles pretendem aplicar os conhecimentos de empreendedorismo na sua vida profissional.

Para tanto, procurou-se responder questões como: Se a área de administração de empresas oferece inúmeras oportunidades de emprego, por que o desejo de abrir o seu próprio negócio a fazer carreira numa empresa? Por outro lado, por que optar por ser um intra-empendedor se o curso oferece ferramentas válidas para administrar o próprio negócio? E como os jovens universitários que possuem empresa familiar lidam com a hereditária sucessão que faz parte do ciclo de vida desse tipo de empreendimento?

Empreender, a partir da abertura de um negócio, representa uma ruptura com o que proporciona segurança e estabilidade ao ser humano. Porém, como funcionário de uma empresa, o indivíduo realmente tem essa garantia? Qual a percepção do estudante quanto aos riscos dessas formas de empreendedorismo?

RESULTADOS DA PESQUISA

Observa-se que dois entrevistados almejam seguir carreira numa empresa já existente e que dois pretendem criar e administrar o próprio negócio. É importante salientar que estes já estão em fase de planejamento e administração do próprio empreendimento, respectivamente. Embora alguns estudantes tenham o desejo de seguir carreira numa grande empresa, eles têm intenção de “um dia, quem sabe” ter o seu próprio negócio, de acordo com as condições econômicas e as oportunidades que surgirem. Ou seja, apesar deste não ser o objetivo principal, é visto como uma possibilidade no futuro, porém, não tão próximo.

Eu prefiro trabalhar numa empresa a curto prazo. De repente, a longo prazo, eu assumo o risco de um negócio, tanto os riscos financeiros quanto os riscos psicológicos. Eu acho que há possibilidade de abrir o meu próprio negócio, [porém] eu foco realmente uma carreira numa empresa.

Como pondera outro estudante:

A princípio, eu gostaria de trabalhar numa empresa, não tenho como assumir os riscos de um negócio agora nem condições financeiras. Mas eu tenho vontade.

Constatou-se que a decisão dos estudantes em cursar domínio adicional em empreendedorismo se deve ao incentivo de amigos e ao contato com o Instituto Gênesis e Empresa Júnior que atuam como estimuladores do desenvolvimento do aluno nesse sentido. Percebe-se que as disciplinas cursadas atuam como um fator motivacional “extra” ao ato de empreender. De acordo com um dos entrevistados:

Esse curso me motivou muito, acho que foi até uma força que me deu pra eu já abrir a minha empresa. Bom, eu já estou querendo, já estou aqui, (...) estou me motivando, se não for agora, vai demorar [ainda] mais (...) pra eu fazer (...). Agora é a hora!

O paradigma de emprego é algo que está sendo reestruturado ao longo das mudanças no mercado de trabalho e, conseqüentemente, vem mudando a percepção das pessoas. No presente estudo, nota-se que o paradigma de estágio também está sendo quebrado entre os estudantes, não sendo a única relação de trabalho possível durante a graduação. Os entrevistados consideram as condições do mercado favoráveis e vêem a experiência de emprego formal como um intermediário para alcançar o objetivo principal.

Eu estou sentindo que o momento é agora. Então eu não posso perder mais tempo pra conseguir experiência e deixar pra abrir a minha empresa lá na frente e perder o boom do mercado, perder o momento, a oportunidade.

Se eu tivesse que trabalhar numa empresa, faria isso sem problema algum, mas (...) eu tento pensar no que eu quero daqui a 10 anos. (...) Então eu entraria em 5, 10 empresas formais de carteira assinada (...) pra fazer um contato, aprender alguma coisa (...) [ou] se eu tiver uma necessidade financeira, (...) [se] meu negócio não estiver andando.

Embora muitas pessoas tenham a necessidade como motivação para abrir o próprio empreendimento, os estudantes demonstraram fazer o caminho contrário para sobreviver, como uma possibilidade, caso o negócio não dê certo inicialmente. Sendo assim, eles vêem o emprego como um “plano B”.

Contudo, de acordo com os relatos dos entrevistados, o paradigma do estágio ainda está longe de ser totalmente mudado na percepção dos estudantes. O planejamento de carreira da maioria ainda é participar de um processo seletivo, atuar durante dois anos como estagiário ou trainee, ser efetivado, e assim por diante. Os estudantes que estão empreendendo durante a graduação afirmam que a concorrência é muito mais acirrada nos processos seletivos, pois a maioria deseja trabalhar numa grande empresa, ao invés de fazer uma grande empresa.

A importância de estudar empreendedorismo está ligada a um contexto amplo que engloba o indivíduo e a sociedade como um todo. Os estudantes aplicam o conceito de forma abrangente, tendo um alcance além do seu sucesso profissional. Acreditam que o empreendedorismo seja uma forma de se “destacar na multidão”, fazer a diferença e incentivar a mudança. O conceito de empreendimento, conforme os próprios estudantes, não se limita a empresa, como geralmente é empregado.

Esse é o caminho de mudança e [quero] estudar justamente pra me adaptar a isso, pra me capacitar, pra aproveitar essas oportunidades e ser também um agente de mudanças pra mim, pra minha família e também pensar em sociedade. Então eu acho que (...) estudar empreendedorismo (...) é a forma de, eu não diria solucionar, mas de melhorar muita coisa, tanto a nível pessoal quanto a nível social.

Eu acho que empreendedorismo não é só pensar em empresa, mas pensar também numa ONG, num projeto bem sucedido. Empreender de alguma forma, ou seja, não se acomodar com o que já tem.

Sendo assim, os entrevistados demonstram preocupação com as conseqüências do empreendedorismo não apenas na dimensão individual, mas também de forma coletiva e integradora. A satisfação devido a geração de empregos foi citada como de grande importância no ato de empreender – principalmente por aqueles que têm experiência com empreendimentos familiares –, visto que é uma forma de influenciar positivamente as pessoas com quem estão interagindo. Esta percepção mostra que apesar de não ter chefe para dar explicações, os empreendedores possuem uma relação de responsabilidade com seus funcionários e suas respectivas famílias.

O ensino em empreendedorismo atua como um diferencial por representar certa complementaridade em relação aos conhecimentos adquiridos na graduação em Administração. Os entrevistados consideram que a graduação em administração é direcionada para pessoas que vão trabalhar numa grande empresa, enquanto o domínio adicional possui ferramentas mais aplicáveis a pequenas empresas, onde o empreendedor precisa de estratégias mais específicas.

Contudo, é preciso destacar que o conhecimento adquirido na graduação influencia o processo de tomada de decisão pra abrir o seu próprio negócio, pois faz com que o indivíduo tenha fé em si mesmo e acredite que possui as competências necessárias para ter êxito. Sendo assim, a graduação atua como um incentivo “indireto” á prática do empreendedorismo, visto que o curso não possui este foco.

Quando questionados sobre a diferença entre administrador e empreendedor, os entrevistados afirmaram que são conceitos muito distintos entre si. Embora todo empreendedor deva ter os conhecimentos necessários para administrar o próprio negócio, nem todo o administrador tem as competências para atuar como um empreendedor.

O administrador, pensado na palavra mesmo, é uma pessoa que administra o que ele já tem. Então o empreendedor nem sempre tem os recursos, mas ele vai conseguir fazer; nem tem os funcionários, mas ele vai dar um jeito; não tem os clientes, mas ele vai correr atrás. O administrador já tem determinados recursos e ele tenta administrar (...) pra funcionar da melhor forma.

Essa percepção ressalta que os empreendedores estão começando do zero, enquanto os administradores possuem todos os recursos disponíveis de uma organização já existente e consolidada. A partir da compreensão das diferentes formas de atuação de um empreendedor, foi constatado que os estudantes também percebem a abrangência da prática do empreendedorismo, não estando limitado à abertura de novos negócios. O discurso a seguir

reforça a idéia de que o profissional de uma grande empresa também pode atuar como empreendedor, não sendo apenas um mero funcionário, mas um intra-empendedor.

(...) existem administradores que não têm esse perfil empreendedor, de inovar, eles são muito acostumados com rotina, a receber ordens (...). Outros já têm esse perfil empreendedor, não que vá abrir uma empresa, mas um empreendedor que tenta identificar novos métodos de fazer, que tenta identificar novas oportunidades de negócio pra empresa.

A experiência no mercado de trabalho formal assume o papel motivacional de forma positiva ou negativa. Conforme o discurso de um dos entrevistados sobre sua experiência em duas empresas, percebe-se que este estímulo está ligado à identificação do estudante com a estrutura, dinâmica e negócio da empresa.

(...) eu vi que era muito bater cartão [na primeira empresa que eu trabalhei]. Entra tal hora, sai tal hora. É rotina! Eu não me motivei muito. “ Vou ficar (...) 20 anos fazendo isso?!” Poxa, cadê a aventura, cadê a energia? (...) Aí comecei realmente a pensar mais ainda em abrir a minha própria empresa. (...) Quando eu entrei na empresa X e eu vi que era o mercado que eu queria trabalhar, bom... eu acho que agora veio uma luz.

A experiência também atua como um meio para que o indivíduo descubra o que realmente gosta de fazer e identifique oportunidades devido ao contato constante com o ramo de atividade, ou seja, a “paixão” pelo negócio em que está investindo advém de sua experiência como intra-empendedor. Um dos entrevistados afirma ter liberdade e reconhecimento na empresa em que atua, porém, pretende ter seu próprio negócio porque acredita que é capaz de “colher bons frutos” pra si mesmo.

Eu entrei na empresa X (...) e eu aprendi muito. Saí de uma área, fui pra outra. Eu aprendi muito do negócio em muito pouco tempo e fui bem reconhecida na empresa (...). Foi uma coisa que eu gostei muito, então isso me deu mais força. “Bom, se eu estou dando dinheiro pra empresa, porque não vou dar dinheiro pra mim?”

Este discurso contradiz os motivos propostos por Pinchot (1985) que afirma que os intra-empendedores saem da empresa para se tornarem empreendedores devido a autonomia que a grande empresa, geralmente, não oferece aos seus colaboradores. No entanto, nota-se que há chances do intra-empendedor pedir demissão devido a sua insatisfação e satisfação com o ambiente corporativo. Percebe-se que este é um dilema enfrentado pelas grandes empresas. Isto demonstra que os estudantes estão tomando decisões de acordo com suas próprias convicções e interesses, deixando de lado a idéia de que o emprego na grande empresa seja a melhor opção na sua trajetória profissional.

Inúmeros estudos foram realizados sobre as características do empreendedor de sucesso e, embora o objetivo da presente da pesquisa não seja este, é válido mencionar que todos os entrevistados ressaltaram a pré-disposição pra correr riscos e a persistência como essenciais à prática do empreendedorismo. Nota-se que essas duas características atuam como complementares ao empreendedor, pois no início, ele estará correndo os riscos inerentes a atividade e, posteriormente, caso o sucesso não seja alcançado de forma imediata, será preciso persistir para que na próxima tentativa o resultado seja diferente. O “correr riscos” também se refere à coragem empreendida para sair da zona de conforto que a grande empresa oferece e buscar novos desafios.

E eu pensei assim: “Caramba, se eu for efetivada agora, numa multinacional, depois pra eu sair daqui vai ser muito difícil”. Porque você já começa a ganhar um

dinheirinho a mais, você se acomoda. Aí eu falei “ou eu saio agora ou eu não saio mais”.

Os exemplos de sucesso e fracasso, o que pode dar errado no ato de empreender e as características empreendedoras são destacados como pontos positivos no curso. Os estudantes consideram que o empreendedor familiar também cumpre o papel mostrar a realidade da carreira do empreendedor, tanto em relação às dificuldades financeiras, ao “trabalhar para empatar” inicial, quanto à persistência, resistindo aos estímulos negativos de desistência por estar fazendo algo que realmente gosta.

Percebe-se que a experiência com empreendimentos familiares não representa uma escolha obrigatória no processo de sucessão, uma fatalidade, na vida desses jovens, mas um incentivo para que também tenham o seu próprio negócio. O exemplo “dentro de casa” cumpre o papel de inspiração devido ao contato contínuo com as dificuldades e os “louros” do negócio. Desta forma, apesar do ato de empreender a partir da abertura do próprio negócio ser considerado uma atividade de muito trabalho, devido a percepção de que se trabalha mais do que atuando como colaborador, o resultado é simplesmente gratificante.

A partir do discurso dos estudantes, assumir o negócio da família não é visto como uma forma de empreender, mas de administrar, pois o empreendimento representa o sonho do fundador e não há o risco, propriamente dito, de iniciar um projeto. Ao falar sobre sua experiência na empresa da família, o estudante afirma:

Na época, eu era o administrador, ele era o empreendedor. O risco do negócio estava com ele. Eu administrava, (...) mas não fui eu que abri o negócio, não fui eu que dei o [primeiro] passo. (...) Apesar de ser da família, eu só administrava, visto que o negócio não estava tão comigo.

O contato com a figura empreendedora paterna modifica a opinião em relação às características empreendedoras, segundo os entrevistados, onde o empreendedorismo deixa de ser algo totalmente intrínseco e reforça o aprendizado por meio da experiência de outros.

A minha percepção mudou no sentido que eu achei que aquilo (empreendedorismo) não pudesse ser aprendido. Quando eu via o meu pai, eu pensava “Meu pai nasceu com isso”. Hoje em dia não. (...) Eu aprendi isso com ele. Era uma coisa que (...) quando eu fui trabalhar com ele, eu pensei “Ah! Eu nunca vou ser assim”. Mas eu vi que você vai aprendendo a ter essas características.

Quando questionados sobre as condições socioeconômicas do país como influenciadoras no ato de empreender, os estudantes consideram que essas condições não motivam, necessariamente, apenas facilitam ou dificultam o sucesso do empreendimento. No Brasil, segundo os entrevistados, há mais entraves que incentivos e a alta taxa de mortalidade das pequenas empresas, de certa forma, inibe o comportamento empreendedor, de uma forma geral. Todavia, também consideram que a decisão de ser empreendedor ao invés de intra-empendedor é algo fortemente intrínseco considerado como um objetivo que deve ser alcançado e ninguém é capaz de fazê-los mudar de idéia, pois é algo que está ligado a acreditar em si mesmo, na própria capacidade de fazer dar certo.

Deve-se destacar que os estudantes que visam atuar como intra-empendedores procuram estabilidade, não como forma de garantia ou segurança no emprego, mas relacionado a “remuneração estável”. Eles têm consciência de que cabe a si mesmos a responsabilidade pela própria manutenção do seu capital intelectual competitivo no mercado de trabalho. Em contrapartida, os estudantes que atuam como proprietários de um empreendimento acreditam que é possível alcançar certa estabilidade neste tipo de empreendedorismo também, na medida em que a eficiência de seu negócio for percebida pelos consumidores e demais parceiros da mesma forma que a eficiência dos intra-

empreendedores deve ser percebida pelos seus chefes como forma de manter seus empregos. Percebe-se que a palavra estabilidade assume conceitos distintos em relação ao tipo de empreendedor.

Embora o dinheiro tenha sido mencionado apenas uma vez pelos entrevistados, este é destacado como um fator relevante. Todos os entrevistados consideram que, apesar das dificuldades financeiras enfrentadas no início da atividade, o retorno financeiro é mais promissor do que se atuasse como intra-empendedor, embora seja em longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de Administração tem como objetivo preparar os graduandos para atuar em grandes empresas. Sendo assim, a escolha mais óbvia dos estudantes é conseguir um estágio, ser efetivado e fazer carreira numa grande empresa. A partir da constatação da inexistência do paradigma do emprego e da nova condição do indivíduo como único responsável pelo seu próprio destino profissional, a capacidade empreendedora surge como preparação para se adaptar melhor às mudanças constantes no ambiente do trabalho.

O presente trabalho consistiu em um estudo de caso de natureza qualitativa que estabeleceu como objeto de análise o discurso de quatro estudantes da graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro que cursam disciplinas eletivas com o objetivo de obter domínio adicional em Empreendedorismo. Partindo da ligação entre a motivação, escolha de objetivos e processo de aprendizagem como influenciadoras no ato de empreender, propôs-se a examinação das percepções, experiências e expectativas dos entrevistados como meio de explicar a atitude empreendedora.

Embora a palavra empreendedorismo remeta ao processo de abrir um negócio próprio, o conceito aplicado está vinculado a comportamento e atitude das pessoas, de forma abrangente, considerando as dimensões de atuação do empreendedor, desde a sua forma mais tradicional (como proprietário de um empreendimento) até o intra-empendedor (colaborador de uma organização já existente) e o herdeiro de empreendimento familiar. Sendo assim, o objetivo do presente trabalho é responder a seguinte questão: qual o objetivo profissional dos graduandos em administração em cursar o domínio adicional em empreendedorismo?

Todos os entrevistados que cursam domínio adicional em empreendedorismo afirmaram ter a vontade de abrir o próprio negócio, embora dois considerem isto como um objetivo secundário, ou seja, têm a intenção de ter o próprio empreendimento posteriormente a carreira numa grande empresa, enquanto os outros dois encaram o próprio negócio como um objetivo principal. Estes, inclusive, já estão em fase de planejamento e administração do próprio empreendimento e não demonstraram interesse em assumir os negócios da família por dois motivos: o empreendimento familiar representa o sonho do patriarca e este tipo de atuação se refere ao ato de administração, não de empreender, segundo eles. Em ambos os casos, a figura paterna influencia de forma indireta, visto que, inicialmente, o pai nunca incentivou verbalmente. Percebe-se que o empreendedorismo pode ser aprendido através da experiência do outro.

Dentre os principais motivos para ter o próprio empreendimento, pode-se citar: adrenalina do desafio em começar do zero e fazer acontecer, criação de um ambiente dinâmico de decisões rápidas, liberdade e participação na tomada de decisão, remuneração promissora, satisfação pessoal e realização profissional por estar fazendo algo que gosta.

Os estudantes consideram que as condições do Brasil influenciam no resultado da prática do empreendedorismo, contudo, não influenciam diretamente suas motivações e objetivos, visto que é um desejo fortemente intrínseco.

Os entrevistados que pretendem atuar como intra-empendedores ressaltam a estabilidade como motivação principal por trabalhar numa grande empresa. Porém, a

estabilidade, aqui apresentada, assume uma conotação diferente da tradicional não significando mais a garantia de emprego, mas a garantia de salário uniforme.

Os futuros e atuais empreendedores afirmam que a principal motivação está no desafio de realizar coisas de que gostam e se identificam e, conseqüentemente, estar influenciando de forma positiva as pessoas com quem estão interagindo. A responsabilidade e a satisfação da geração de empregos foram fatores citados como de grande importância do fenômeno empreendedorismo. Sendo assim, os estudantes demonstram preocupação com as conseqüências do empreendedorismo não apenas na dimensão individual, mas pensam na sociedade como um todo. Constatou-se, portanto, que a motivação atua como mola propulsora para obter a capacidade empreendedora desejada e atingir os objetivos profissionais e pessoais.

AGRADECIMENTOS

Sinceros agradecimentos ao CEMP – Coordenação de Ensino em Empreendedorismo – e a professora Carla Bottino que contribuíram para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DRUCKER, Peter. **Inovação e Espírito Empreendedor**. São Paulo: Pioneira, 1986.
2. GOUVEIA, T. B.; GRISCI, C. L. I. A demanda empreendedora e o trabalho imaterial na construção da subjetividade do “empreendedor”. **Anais XXX EnANPAD**, Salvador, 2006.
3. SILVA, L. F.; GÜTTLER, M. A. C. C.; TOMIELLO, N.; FILHO, O. F.; LEAL, T. A. **competência e a arte de empreender**. Brasília: SEBRAE, 2004.
4. CARMO, R. M.; NASSIF, V. M. J. Incubadoras de empresas e a capacidade empreendedora das pessoas. **Anais XXIX EnANPAD**, Brasília, 2005.
5. BENEDETTI, M. H.; REBELLO, K. M. R.; REYES, D. E. C. Empreendedores e inovação: contribuições para a estratégia do empreendimento. **Anais XXIX EnANPAD**, Brasília, 2005.
6. FONTENELLE, I. A. **“Eu Proteu”**: a auto-gestão da carreira entre fatos e mitos. **Anais XXIX EnANPAD**, Brasília, 2005.
7. ROSSONI, L.; TEIXEIRA, R. M. Integrando empreendedorismo, rede de relações, recursos e legitimidade: o caso da aliança empreendedora. **Anais XXX EnANPAD**, Salvador, 2006.
8. LIMA, M. O.; SANTOS, S. A.; DANTAS, A. B. Propensão ao empreendedorismo dos alunos do ensino fundamental: um estudo comparativo com alunos de 7ª e 8ª séries, entre instituições de ensino municipais e privadas de Maceió. **Anais XXX EnANPAD**, Salvador, 2006.
9. PESSOA, P. E. B.; NORONHA, A. B.; JÚNIOR, N. H. P.; HERNANDES, W. O.; CAMELO, R. S. Integrando o aluno do curso de Administração na questão da responsabilidade social: programa integrado de capacitação empreendedora. **Anais XXIX EnANPAD**, Brasília, 2005.
10. SOUZA, E. C. L.; JÚNIOR, G. S. L. Atitude empreendedora em proprietários-gerentes de pequenas empresas. Construção de um instrumento de medida – IMAE. **Anais XXIX EnANPAD**, Brasília, 2005.
11. PINCHOT, G. **Intrapreneuring: Por que você não precisa deixar a empresa para tornar-se um empreendedor**. São Paulo: Harbra, 1985.

12. WAIANDT, C.; JUNQUILHO, G. S. Representações familiares em transição: a experiência da gestão em uma organização capixaba de bebidas. **Anais XXIX EnANPAD**, Brasília, 2005.
13. MACHADO, Hilka Vier. Empresas familiares e a formação de sucessoras. **Anais XXX EnANPAD**, Salvador, 2006.
14. MACCARI, E. M.; CAMPANÁRIO, M. A.; ALMEIDA, M. I. R.; MARTINS, A. Empresa familiar e as dificuldades enfrentadas pelos membros da 3ª geração. **Anais XXX EnANPAD**, Salvador, 2006.
15. ANDRADE, D. M.; LIMA, J. B.; ANTONIALLI, L. M. Significados do processo de sucessão em uma empresa familiar. **Anais XXX EnANPAD**, Salvador, 2006.
16. SOUZA, E. C. L.; SOUZA, C. C. L. Atitude empreendedora: um estudo em organizações brasileiras. **Anais XXX EnANPAD**, Salvador, 2006.
17. RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2000.
18. MURRAY, E. J. **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
19. PASSOS, C. A. K.; FELIX, J. C.; GRECO, S. M. S. S.; BASTOS JÚNIOR, P. A.; SILVESTRE, R. G. M.; MACHADO, J. P. **Empreendedorismo no Brasil: 2007**. Curitiba: IBQP, 2008.
20. DOING BUSINESS 2009. The International Bank for Reconstruction and Development/The World Bank: Washington, DC, 2008.
21. DOMINIO ADICIONAL – PUC. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccg/dominios.html> Acesso em: 14 de setembro de 2008.
22. ENSINO EM EMPREENDEDORISMO – INSTITUTO GÊNESIS. Disponível em: <http://www.genesis.puc-rio.br/main.asp?Team={B1B7FABF-40EC-4F92-B19F-6536E41FD2D9}> Acesso em: 26 de janeiro de 2009.
23. VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo, Atlas, 2004.